



XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

SER, ESTAR E AGIR TRADICIONAL FRENTE À EMERGÊNCIA CLIMÁTICA- CIVILIZATÓRIA

Alex de Castro Fiuza¹;

Samira Lima da Costa²

¹Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade/ICMBio, lexfiuza@gmail.com

² Universidade Federal do Rio de Janeiro, biasam2000@gmail.com

GT 6: Conflitos socioambientais: experiências práticas e narrativas de resistências socioambientais

RESUMO

Apresentamos resultados de uma pesquisa (Fiuza, 2017) – ampliando algumas análises - que investigou distinções entre os modos de produção e ocupação territorial das comunidades tradicionais Serafina e Timbotuba, ambas inseridas na Reserva Extrativista Terra Grande-Pracuúba/PA, e uma empresa palmeira que, ao se instalar nesse território, gerou um conflito socioambiental. A partir de uma abordagem psico-socioambiental (Fiuza, Samira Costa e Loureiro, 2018), foram adotadas as técnicas ‘observação participante’ e ‘entrevistas centradas’(focused interview). Para a análise dos dados utilizou-se a técnica ‘análise de conteúdo’. Constatamos que outras subjetividades, isto é, outros povos-mundos, cosmopercepções, formas de pensar e agir estão atrelados ao território tradicional. Constatamos também que as comunidades tradicionais analisadas exercem suas práticas econômicas - seu trabalho - de maneira espacialmente integrada às demais práticas materiais e imateriais necessárias à sua reprodução social. Aquelas subjetividades e essa integração favorecem a manutenção ecossistêmica de territórios, especialmente diante de ameaças coloniais sobre corpos, mentes e territórios.

Palavras-chave: conflito socioambiental; povos e comunidades tradicionais; abordagem psico-socioambiental; ecologia política; emergência climática.

Destaques (highlights)

- As ocupações tradicionais são trabalhos significantes e produtores de patrimônio tanto material quanto imaterial
- Relações psico-socioambientais próprias e singulares são conformadas através dessas ocupações e a partir de psico-sociogêneses únicas que aquelas promovem;
- Conflitos socioambientais como interfaces psico-socioambientais entre a tradição e a

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

colonização

- Atributos da forma tradicional de se relacionar com o território que contribuem com outros horizontes civilizatórios, inclusive frente ao contexto de emergência climática.

INTRODUÇÃO

Apresentamos resultados de uma pesquisa (Fiuza, 2017) - ampliando algumas análises – que, partindo de uma abordagem psico-socioambiental (Fiuza, Samira Costa e Loureiro, 2018) analisa a organização socioeconômica e as relações territoriais das comunidades Serafina e Timbotuba, hoje inseridas na Reserva Extrativista¹Terra Grande-Pracuúba (RESEX TGP), sobretudo em contraposição às de uma empresa palmeira que, ao se instalar no território, catalisou um conflito socioambiental. Tendo como base esse aporte, nos propomos a demonstrar como o modo tradicional de fazer e se relacionar com o território está relacionado a processos de subjetivação e objetivação próprios, singulares e que contribuem na luta frente às colonialidades operantes através do capitalismo, entre as quais, a emergência climática que atravessamos. Para tanto, nesta introdução apresentamos as comunidades e o território da pesquisa, na próxima seção sua abordagem teórico-metodológica e depois os resultados e discussões.

A RESEX TGP localiza-se nos municípios de Currealinho e São Sebastião da Boa Vista (Ilha do Marajó/PA). As imagens abaixo localizam a Ilha do Marajó (Figura 1) e pontos importantes da RESEX TGP, entre os quais as comunidades Serafina, Timboubá e a fábrica da empresa palmeira instalada junto a esta última comunidade (Figura 2).

¹ Conforme art.18º da Lei 9985/2000 – que estabelece o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) – RESEX é uma “área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade”.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA



FIGURA 1. Mapa político do Brasil.

FONTE: http://www.espacoeducar.net/2008/02/atlas_08.html.



FIGURA 2 – Mapa da RESEX, com destaque (vermelho) para a localização da Comunidade Serafina (mais acima) e da comunidade Timbotuba e da fábrica instalada em seu território (mais abaixo). FONTE: Acervo da RESEX Terra Grande-Pracuúba/ICMBio, 2011.

As comunidades Serafina e Timbotuba são formadas por famílias que trabalham simultaneamente em diferentes atividades produtivas. Combinam-se o extrativismo do açaí para

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

o consumo e a comercialização; a agricultura centrada na produção de farinha e voltada para o consumo, sendo que algumas famílias do Timbotuba também a comercializam; a caça, a pesca e pequenas criações de galináceos voltados para a subsistência; e a exploração e manuseio de recursos madeireiros, especialmente para reparos e construções das residências e embarcações que servem como meios de transporte. Algumas famílias concentram a atividade de atravessamento, responsável por assegurar a circulação das mercadorias entre as zonas urbanas e rurais. Há membros comunitários que são servidores públicos da prefeitura de Curralinho e atuam como agentes de saúde ou na educação básica local. Outros, ainda, têm a carpintaria como principal atividade econômica.

METODOLOGIA

Adotamos a abordagem psico-socioambiental (Fiuza, Samira Costa e Loureiro, 2018) por reconhecermos os conflitos socioambientais como fenômenos complexos onde estão inseridos, em uma dialética constante, dimensões sociais, econômicas, históricas, políticas, psicológicas e ambientais cujas implicações mútuas e espaços de interfaces se fazem importantes de serem considerados.

Alicerçados na ecologia social e na ecologia política, partimos de argumentos que reforçam a indissociabilidade entre fatores socioeconômicos e ambientais. Indissociabilidade semelhante pode ser percebida entre as construções sociais e a psicogênese, conforme aportes de autores ligados à psicossociologia. Articulando essas diferentes, porém relacionadas dimensões, recorreremos ao trabalho enquanto categoria analítica posicionada nos interstícios entre o social e o ambiental (socioambiental); e entre este universo socioambiental e às psiques humanas (psico-socioambiental). Contribuindo com a investigação deste último espaço intersticial, a psicossociologia apresenta-se como um campo de conhecimento que tende a favorecer a compreensão dos fenômenos psico-socioambientais inerentes às disputas por territórios e recursos naturais que se dão na reprodução do modelo societário capitalista (Fiuza, Samira Costa e Loureiro, 2018, p.52).

Utilizamos a categoria analítica ‘trabalho’ - compreendido aqui como “o metabolismo entre o ser humano e a natureza, entre o indivíduo e os outros, objetivando o humanamente subjetivo e subjetivando o humanamente produzido” (LOUREIRO e LAYARGUES, 2013, p.57 e 58) - para a investigação das relações entre as subjetividades individuais (universos simbólicos) e a objetividade ambiental (universo material), destacando-se também como intermediadora entre a Ecologia Política e a Psicossociologia, dois dos fundamentos teóricos

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

da presente pesquisa.

As técnicas da ‘observação participante’ e ‘entrevistas centradas’(focused interview) foram adotadas na construção dos dados. Notas sobre as observações participantes foram registradas através de diário de campo e os áudios das entrevistas foram registrados através de um gravador digital. Esses dados foram analisados através da ‘análise de conteúdo’².

RESULTADO E DISCUSSÃO

Ocupações tradicionais

A tradição é inerente ao modo de ser, estar e agir das comunidades tradicionais da Serafina e Timbotuba

Nós criamos nossos filhos, como eu que criei os meus filhos, que meu pai sabe, estão tudo aqui colocado. E todos eles sabem trabalhar, né? Graças a Deus estão livres de estarem fazendo ‘gatuagem’ pela cidade. Estão livres de estarem se metendo em vício, em mau caminho. Graças a Deus. Isso eu agradeço muito a Deus, a força que Deus me deu: criar meus filhos assim como meu pai nos criou (Dona Josi, 06/06/2016, Timbotuba).

As resistências daqueles que não abrem mão em manter suas tradições estão associadas não só às necessidades de subsistência material. Satisfações culturais também estão envolvidas com o exercício de tais práticas - a exemplo da caça - na medida em que, a partir dela, também se distinguem e valorizam:

Tobias: No interior, se o cara escuta tiro, é caça; na cidade [...]

Carlos: É um que morreu, já (risadas) (Carlos e Tobias, 07/06/2016, Timbotuba).

Para além de suprir necessidades materiais, a caça tradicional se relaciona com satisfações psico-afetivas, como autoestima, sociabilidade e lazer: certa ocasião, mesmo eu tendo levado suprimentos para o almoço e o jantar meu e da família que me recebia, uma das pessoas “*me convidou pra caçar com ele, ‘lanternar’*” (Fiuza, 2017 - Notas do Diário de Campo, 07/06/2016, p.22). A pesca de maneira semelhante se apresenta:

² O Comitê de Ética em Pesquisa competente (CFCH/UFRJ), o ICMBio e a Associação dos Moradores da RESEX TGP autorizaram a pesquisa. Foi utilizado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os participantes foram protegidos com nomes fictícios.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

A gente pesca muito. Sai para o rio para pescar. Todo mundo, de canoa, no casco, né? Aí vão duas em cada casco. Vai conversando, leva garrafa de café, leva comida no marmite, assim vai pescar. Chega só de tarde. Isso para nós é uma diversão (Sofia, 07/06/2016, Timbotuba).

Os trabalhos realizados nas *casas de farinha* para a produção da farinha também expressam a indissociabilidade entre produções imateriais (construção identitária, diversão, sociabilidade) e materiais (alimento) no fazer tradicional. Nesse caso, “o forno parece aquecer não só a farinha, mas também as relações sociais e afetivas daqueles que, congregados nas satisfações de suas necessidades materiais, estabelecem diálogos e interações que produzem, além de bens materiais, afetos, memórias e pertencimento” (Fiuza, 2017). É o que se percebe a partir dos relatos de uma farinhada:

Casa de Farinha (ou de forno): mulheres e rapazes mais novos. A produção era de uma família, mas ajuntam várias mulheres (aparentadas, mas de outros ‘grupos domésticos’) e ficam conversando; e quem tiver vontade, trabalha no lugar da ‘dona da produção’. Dão risadas, brincam e pegam no pé das crianças e entre si. As crianças correndo e brincando; as mulheres brigando (com as crianças) e ‘zoando’. Uma farra. Vão aparecendo outras pessoas – homens inclusive. Daí uns ajudam a torrar farinha. Seu José pegou uma ‘vassoura’ de açai do chão³ e foi correndo atrás das crianças, fazendo algazarra, e elas pularam das árvores e saíram fugindo. A mulherada deu risada. Seu José fica na rede de longe, vigiando o movimento [...] A Casa de Farinha é do Seu José e da Dona Conceição (patriarca e matriarca da comunidade), mas todos utilizam ela. Fica atrás da casa deles e dali eles observam o movimento. A casa não tem algumas paredes, como se o quintal fosse parte integrante dela. A tarde é comum os filhos e famílias se juntarem na casa dos ‘velhos’⁴. Daí tomam café e é uma algazarra, uma brincadeira (Fiuza, 2017 - Notas do Diário de Campo, 10/06/2016, p.38, 39 e 40).

A extração e comercialização do açai é outro exemplo dessa indissociabilidade entre as satisfações materiais e imateriais no fazer tradicional.

Porque o açai é assim: Se tu consegue criar uma amizade com o pessoal - tanto com o extrativista quanto com as bateadeiras - tu não sabe sair mais daquilo. [...] Porque nem que tu ache outro meio de estar trabalhando, mas aquilo ali deixa uma saudade. Porque é o contato físico, né? O contato com as pessoas. [...] Que tu chega lá, tu está brincando. [...] É conversa pra lá, conversa pra ali. Embarca um açai e outro pra ali. Isso aí vai dando uma alegria, um costume. Um costume que tu pega (Chico, 10/06/2016, Serafina).

³ O cacho do açai quando sem frutos.

⁴ Termo utilizado por familiares ao se referirem ao casal formado pelo patriarca e matriarca da comunidade Serafina.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

As práticas tradicionais das comunidades Serafina e Timbotuba são trabalhos significantes e produtores de patrimônio tanto material quanto imaterial, se configurando assim como ocupações tradicionais (Samira Costa, 2012). E não havendo sociedade sem indivíduo, igualmente não há indivíduo que se constitua como tal fora de sociedades historicamente determinadas (Maisonneuve, 1977). Assim, as ocupações tradicionais vinculam-se a processos psico-sociogênicos e a relações psico-socioambientais singulares.

Relações psico-socioambientais das comunidades Serafina e Timbotuba com seus territórios tradicionais

Compreender os modos de ser sujeito nas relações que engendram o trabalho, a exemplo das ocupações tradicionais, segundo Veronese e Guareschi (2005, p.58), é um tema muito caro à psicologia social crítica, haja vista o labor ser

espaço privilegiado de constituição do sujeito, entendendo este último como resultado de processos de construção simbólica de sentido. Os processos sempre relacionais que envolvem o trabalho, que o engendram e a partir dos quais se forjam outras relações e experiências, podem assumir configurações peculiares.

Quando deslocamos nossa atenção da organização socioeconômica dos povos e comunidades tradicionais ora em análise para os processos psíquicos a ela atrelados, isto é, do território material para os territórios subjetivos/simbólicos dessas comunidades, é possível evidenciarmos que as formas de ocuparem o território físico são acompanhadas por processos de subjetivação também próprios e singulares⁵.

Eu não saía de casa, eu acho que quase toda a vida dos meus filhos. Só mesmo para fazer roça⁶. Eu ficava sempre mais em casa (Dona Conceição, 76 anos, 11/06/2016, Serafina).

Quando em campo ouvi tal relato, fiquei sensibilizado com o exercício de uma maternidade que me pareceu sofrida e extremamente limitada. Essa minha impressão inicial foi

⁵ “O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (SANTOS, 2006, p. 140 apud SILVA et al, 2010).

⁶ Por proibições impostas pelo dono do seringal, as roças dos moradores da Serafina foram por muito tempo feitas fora do território onde moravam: "Nós trabalhamos muito fora, lá para banda do Timbotuba[...]doze anos nós trabalhamos[...]Já estava cansada de ir para lá fazer farinha, de capinar roça (Dona Conceição, 76 anos, 11/06/2016, Serafina).

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

abalada quando escutei atentamente o áudio da entrevista de uma das filhas da matriarca. Ao lembrar de sua infância, a filha de Dona Conceição afirma que “*a mamãe acompanhava a gente. Mamãe cortava muita seringueira, era[...] Os dois velhos é que cortavam mais*” (Dona Josefina, 09/06/2016, Serafina). Parece contraditório que a matriarca da Serafina diga que não saía de casa, sendo que passava boa parte de seu dia riscando seringueira nas estradas inseridas no território ocupado tradicionalmente pela comunidade. Entretanto, ao buscarmos compreender o lugar e a perspectiva da matriarca que nasceu e foi criada na ‘Terra Grande’, é possível ressignificarmos esse estranhamento inicial – ao menos para um pesquisador vindo de um local onde os limites da ‘casa’ se encerram entre paredes ou muros. Se assumirmos que a noção de “casa” dessa agroextrativista engloba não só os limites da estrutura de madeira na qual pernoita, mas também engloba o quintal, o sítio e as áreas de produção localizadas em suas imediações, entre as quais as estradas de seringueiras onde trabalhava, o relato desta antiga moradora e agroextrativista perde em contradição para ganhar clareza e sentido. Quando se refere à sua casa, a matriarca parece falar sobre o espaço que nós (urbanos ocidentais) designamos comumente como o território tradicional. Assim, as subjetividades tradicionais - distintas das que se constituem em centros urbanos e coloniais típicos da sociedade moderna/eurocentrada - ao conformarem e serem conformadas através de outras formas de trabalhar e se relacionar com o território, se encontram enredadas à psico-sociogêneses não menos distintas e peculiares, sobretudo quando confrontadas com psico-sociogêneses coloniais.

Conflitos socioambientais: interfaces psico-socioambientais entre a tradição e a colonização

Quando, no início da década de 90 do século XX, a empresa palmeira chegou ao Alto Rio Canaticú e os grupos domésticos da comunidade Timbotuba negociaram a instalação e o funcionamento da fábrica em seu território, condições foram impostas à empresa palmeira.

Eu mariscava para os meus filhos comerem. Mas quando, eu não deixei o serviço da roça. Eu trabalhava lá, mas quando chegava o verão ia fazer nossa roça[...] Graças a Deus meus filhos nunca choraram com fome de farinha. Farinha sempre, para vender, pagar[...] Deixar o nosso serviço? Não. Porque o nosso contrato foi assim, eu disse: ‘Seu Vespasiano (dono da empresa palmeira), eu posso vim[...] Porque ele me chamou se eu podia trabalhar lá[...] Eu disse: ‘Olha Seu Vespasiano, eu trabalho. De inverno eu trabalho bonito. Mas agora, a semana que eu tirar para capinar a minha roça, eu quero a licença. De verão, eu não vou trabalhar efetivo. Porque a semana que a gente tem que plantar de novo[...] eu não venho. Pois é! Aí

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

eu falei para ele que eu não ia largar meu serviço da minha roça porque eu não ia ver meus filhos chorarem com fome. [...] E aí ele concordou comigo. [...] E nunca faltou nada (Josi, 06/06/2016, Timbotuba).

Segundo Duarte (1999), quando um trabalhador depende, para sua subsistência material, mais de seu próprio trabalho e menos de liberdades ou vontades alheias a si, potencializando assim sua autonomia, ele tende a sensações de estabilidade e segurança, o que favorece sua saúde e conforto psíquico. De modo inverso, quando ele se coloca em situação de maior dependência a liberdades ou vontades alheias a si, quando depende mais da ‘sorte’ no tocante à sua subsistência material, tende a desconfortos oriundos da apreensão e insegurança gerados por essa perda de autonomia e governança sobre os meios que lhes garantem a subsistência da qual ele e seu núcleo familiar dependem. Assim, a luta da comunidade Timbotuba em manter suas ocupações tradicionais é atrelada à luta por saúde mental. Esta necessidade, ainda que situada na esfera das psiquês individuais, se reflete na configuração socioeconômica da comunidade e nas relações que esta desenvolveu com a empresa palmiteira.

A comunidade estabeleceu relações mercantis com a empresa sem se desfazer de suas profundas e fortes ‘raízes’, as ocupações tradicionais produtoras de suas imediatas subsistências - como é o caso dos roçados e do manejo de açazais – que lhes proporcionam segurança e estabilidade. Se fosse diferente, se colocariam dependentes de relações mercantis sobre as quais não possuem governança.

Mas nunca a gente deixou o serviço da roça não. Graças a Deus. Para que?![...] O meu pai disse: 'Quando a cabeça não pensa, o corpo padece.' Portanto nós devemos pensar primeiro com a cabeça para poder enfrentar, meter a cara para fazer[...] E, portanto, eu pensei com a cabeça. Eu trabalhei na fábrica, mas eu nunca deixei meu plantio, meu trabalho. Eu nunca deixei de criar minhas criações, meus 'seribabos', minhas galinhas. Até hoje eu crio, com o maior sacrifício, eu crio [...] Porque o senhor sabe que uma coisa dessa (se referindo à fábrica que ali se instalou) não é de raiz. E onde você tá colocado, que você tá com seu trabalho[...] é de raiz! Porque uma fábrica dessa, como ele (dono da fábrica) veio de lá, comprou essa área aí, sentou essa fábrica. Olha ele tinha vontade de sentar polpa de açaí aí. Ele tinha vontade sentar coisa de cacau. Ele tinha vontade de sentar fábrica de urucum. Mas não foi. Como era que a gente ia tudo largar do serviço daqui para trabalhar lá e depois, de repente, alevantava? (Dona Josi, 06/06/2016, Timbotuba).

A partir das condições que a comunidade Timbotuba impôs, a empresa palmiteira passou a representar para ela uma oportunidade a mais de incremento de renda e poder de compra. Uma diferença entre os territórios do Timbotuba - onde açazais, recurso almejado pela

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

empresa, “*não tinha quase aqui nessa beirada*” (Maria, 07/06/2016, Timbotuba) - e o da Serafina - onde açazais nativos são abundantes - contribuiu para a não constituição de um ‘acordo simbiótico’ (ACSELRAD 2004) como esse entre a Serafina e a empresa.

Aí ele queria acabar com as nossas áreas de produção, que eram os açazais, os seringais. Aí já entrou a Remonorte, que entrou para tirar madeira. Ele arrendou[...] Eu sei que ele fechou com a Remonorte para tirar madeira, e ele tirava o palmito. E aí nós não queríamos. Nós brigamos por causa disso! (Chico, 10/06/2016, Serafina).

A empresa não interferia nos poucos açazais plantados no Timbotuba ou mesmo nos pequenos ‘bancos’ naturais localizados em áreas menores que sofriam inundação:

Na verdade, (açai) aqui é só no sítio mesmo. Por aqui, no mato aí mesmo, ele (dono da empresa) não mexia com isso. Ele queria tirar aí do 'Centro Grande'. Aqui não, ele não mexia aqui não[...] Só que ia acabar com o pessoal lá de cima, né? Por isso que eles começaram a briga deles lá (Genival, nascido em 1966, 07/06/2016, Timbotuba).

Mantidos os açazais e as demais áreas necessárias às ocupações tradicionais da comunidade Timbotuba, entre elas os roçados, não se constituiu uma disputa por recursos naturais entre essa comunidade e a empresa. Ausente tal pressuposto, não havia possibilidade da deflagração de um conflito ambiental entre esses, tal qual se deu entre a empresa e a Comunidade Serafina: “*As pessoas (do Timbotuba) que trabalhavam para empresa de lá, eles não foram afetados. Eles não foram afetados, sabe por quê? Por isso que eles apoiavam ela - afetados como? Na área deles*” (Renata, 09/06/2016, Serafina). As ocupações tradicionais, como raízes que são, precisam de terra (do território tradicional) para ancorarem-se. A comunidade Serafina, ao ter seu território e, respectivamente, suas ocupações e existência enquanto povo tradicional ameaçadas, resistiu e lutou contra as tentativas de negociação e usurpação de seus territórios por parte da empresa palmiteira.

4.3 Relações psico-socioambientais tradicionais e a atual crise climática e civilizatória

As relações psico-socioambientais tradicionais engendram um outro modo de ser, estar e agir no mundo quando em comparação a relações psico-socioambientais coloniais. Quando a empresa de extração e beneficiamento de palmito instalou-se nos territórios dessas comunidades para explorá-lo economicamente, o dono dessa empresa, que não residia na Terra Grande, deslocou suas ocupações econômicas a esse território tradicional, mantendo as demais

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

ocupações e relações necessárias à sua própria reprodução social distantes desse território. Eventuais impactos negativos gerados pela busca em maximizar os lucros de sua empresa, desde que não afetassem de imediato seus ganhos de capital, não afetavam a reprodução social daquele que promovia tais atividades produtivas, mas sim a reprodução social daqueles que ocupavam tradicionalmente o território explorado. Contra essas injustiças, a comunidade Serafina lutou.

Sempre nós defendemos do Jijú para cá, que é a Terra Grande. Timbotuba é uma área a parte; Pacas é uma área a parte [...] Então de lá para cá era (e continua sendo) dos moradores daqui. Nós sempre defendemos. O que tem lá dentro é nosso, mas nosso, de quem mora, que tem direito de usufruir dessa área (Josias, 09/06/2016, Serafina).

Quando práticas econômicas de determinada sociedade são deslocadas de seu próprio território para serem alocadas em territórios de outras sociedades ou em espaços não ocupados e significados, tal deslocamento comumente resulta em desequilíbrios socioambientais (Fiuza, 2017; Fiuza, Samira Costa, e Loureiro, 2018). Segundo Leroy e Meireles (2013), o espaço se torna algo indefinido, mero suporte para atividades econômicas e infra-estruturais. Já as atividades econômicas das comunidades Serafina e Timbota não estão descoladas espacialmente das demais ocupações voltadas à sua reprodução social. Ao manterem, num mesmo território, relações não só de exploração material, mas também vínculos familiares e sócio-afetivos, memórias, lazer, autor-reconhecimento, autoestima e demais usufrutos necessários às suas subsistências materiais e imateriais, tais povos baseiam-se materialmente e se constituem subjetivamente de modo diverso da sociedade que, mesmo sendo colonial e exclusivamente eurocentrada, se autoproclama moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de psico-sociogêneses e de relações psico-socioambientais singulares e próprias que os povos tradicionais estabelecem junto a seus territórios, estes são preservados e cuidados, inclusive por se configurarem enquanto verdadeiros ‘ninhos’ que lhes proporcionam segurança, proteção, abrigo e aconchego. Ao terem suas casas resguardadas e conservadas em sua integridade, tais comunidades, além de garantirem sua reprodução social e bem viver, apontam para outros horizontes civilizatórios.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:





XII
ENANPPAS

ENCONTRO NACIONAL
DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
EM AMBIENTE E SOCIEDADE

**COP30: ENFRENTAMENTOS ÀS
DESIGUALDADES SOCIAIS
E EMERGÊNCIA CLIMÁTICA**

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. **Conflitos ambientais – a atualidade do objeto**. In: Conflitos ambientais no Brasil. v. 07, n.11. Relume-Dumará. 2004.

COSTA, S. L. **Terapia ocupacional social: dilemas e possibilidades da atuação junto a povos e comunidades tradicionais**. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar. p. 43-54. 2012.

DUARTE, L. F. D. **As redes do suor. A reprodução social dos trabalhadores da pesca em Jurujuba**. Niterói: EDUFF. 1999.

FIUZA, Alex de Castro. **Modos de produção enquanto ferramenta para a conservação: uma análise na Reserva Extrativista Terra Grande-Pracuúba**. 2017.198f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Programa de pós graduação em Psicologia de Comunidades e Psicologia Social – Faculdade de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FIUZA, Alex de Castro; COSTA, Samira Lima da; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Produções, ocupações e coexistências possíveis à conservação ambiental: uma análise na Reserva Extrativista Terra Grande-Pracuúba**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 46, 2018. DOI: 10.5380/dma.v46i0.55402. e-ISSN 2176-9109

FIUZA, Alex de Castro; COSTA, Samira Lima da; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Caminhos para uma abordagem psico-socioambiental: contribuições da psicossociologia para as discussões socioambientais. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 18, n. 41, p. 42-54, abr. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000100004&lng=pt&nrm=iso. acessos em 21 jun. 2025.

LEROY, J. P., & MEIRELES, J. **Povos indígenas e comunidades tradicionais: os visados territórios dos invisíveis**. In: Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o mapa de conflitos. p. 115-131. Editora Fiocruz. 2013.

LOUREIRO, C. F. B., & LAYARGUES, P. P. **Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica**. Trab. educ. saúde, v. 11, n.1, p. 53-71. 2013.

MAISONNEUVE, J. **Introdução à psicossociologia**. São Paulo: USP, 1977.

SILVA, A. A.; SILVA, A. C. G.; PAULA, J. M.; SILVA, J. & SOUSA, L. F. **O processo de des (re) territorialização dos trabalhadores nordestinos no território amazônico durante os ciclos da borracha**. Revista Geografar, v.5, n.1. 2010.

Apoio:



Realização:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
SUSTENTABILIDADE



Financiamento:

